



A INFLUÊNCIA DA IGREJA CATÓLICA NO MATRIMÔNIO E SEU PAPEL NA CONSTRUÇÃO DA MORAL FEMININA

Eduarda Bento Severo ¹
Mayara Barbosa Costa ²

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo, abordar a influencia da igreja católica no matrimônio, bem como sua importância na construção da moral feminina dentro da sociedade, além de trabalhar a imagem feminina mostrando ao leitor como a mesma foi e continua sendo tratada historicamente. O mesmo utiliza-se de uma bibliografia que procura evidenciar a trajetória percorrida pelas mulheres em diferentes tempos na sociedade, descrevendo sobre o matrimônio, a família, a educação, o trabalho e as mudanças que foram necessárias para que as mesmas fossem tratadas socialmente sob um novo olhar. Faz também uma analogia ao pensamento de alguns autores sobre a mulher, seus papéis e influências na sociedade, apresentando reflexões sobre o papel da mulher e da igreja católica mediante o matrimônio, sem esquecer de abordar o movimento feminista e sua importância, na busca pela tão almejada igualdade.

Palavras-chave: Igreja Católica, Moral Feminina, Matrimônio, Educação, Família.

INTRODUÇÃO

Quando falamos em casamentos não deixa de passar em nossa mente o papel que a igreja irá desempenhar nessa função, e a identificação da influência que a mesma teve nas sociedades ocidentais em relação à instituição e rito do matrimônio. Após a instauração da religião católica como algo hegemônico nas várias sociedades, a participação do clero era extremamente ativa, e, após o ritual religioso, os sacerdotes abençoavam os casais na porta de seus aposentos. Segundo Almeida (2013) tornou-se comum que a cama dos cônjuges fosse incensada e aspergida com água benta. O matrimônio sacramentado se configurou como o único espaço aceito socialmente para a prática da sexualidade, com objetivo exclusivo para a procriação. Excluindo-se essa necessidade, os demais eram considerados uma perversão e

¹ Graduada em História pela Universidade de Pernambuco – UPE – *Campus Garanhuns*, Pós- Graduada em Ensino de História pela Faculdade de Venda Nova do Imigrante – FAVENI, eduarda_severo@outlook.com

² Especialista em Educação a Distância: Gestão e Tutoria, Docência no Ensino Superior e em Investigação Forense e Perícia Criminal, pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci - UNIASSELVI, Pós- Graduada em Gestão escolar e coordenação pedagógica, Ludopedagogia e EJA, Educação infantil: práticas pedagógicas pela Faculdade de Venda Nova do Imigrante – FAVENI, mayara_10barbosa@hotmail.com.



resultava na condenação da bastardia e toda uma descendência seria assim contaminada. Uniões não unidas pelos sacramentos católicos eram condenadas e empurravam os casais assim formados para decadência social.

Ao mesmo tempo nas várias transformações históricas, a Igreja Católica inspirou uma posição paradoxal em relação ao matrimônio, pois tiveram alguns católicos que o aceitavam, na possibilidade de legitimar a prática do ato sexual entre os pares; outros que não permitiam nenhum tipo de concubinato³ e insistiam na virtude de viver uma vida mais contudente por meio da castidade, da virgindade e da continência para entrar no reino dos céus. Com isso a instituição católica determinou que o casamento deveria dar vazão à sexualidade e impôs o mesmo como uma espécie de freio para os libertinos, por conta da frequência do incesto, da sodomia e do adultério.

A Igreja Católica normatizou a moral cristã com a instituição do sacramento do matrimônio como monogâmico e indissolúvel, transferindo suas celebrações, até então simples, das casas de família aos templos, em cerimônias conduzidas por bispos e sacerdotes. A sua estruturação legitimava o uso dos prazeres carnavais, logicamente voltados para o fim natural. A procriação, como dívida conjugal, tornou-se algo obrigatório dentro do contrato estabelecido. Porém qualquer ardor na relação carnal entre os cônjuges era expressamente proibido e condenado veementemente, necessitando-se de confissão para ser edificada como uma vida saudável: “por meio da confissão, a Igreja Católica controlava as palavras, os pensamentos, os desejos carnavais, o prazer e os pecados que envolviam os atos sexuais” (FOUCAULT, 1988, p. 26).

Para Marx e Engels (1990) a dessacralização do poder da Igreja retirou os véus da ilusão religiosa. Evidenciou os procedimentos que colocaram em relevância a dominação masculina, na qual a procriação deixaria de ser a finalidade principal do casamento, e os propósitos econômicos e psicológicos do casal passariam a serem os objetivos centrais. Para Marx, a ideologia do amor romântico a partir da ascensão dos valores e moral da classe burguesa, usada para justificar a ausência dos filhos, seria uma profanação da sacralidade do matrimônio. Nesse sentido,

Tudo que era sólido e estável evapora-se, tudo que era sagrado é profanado, e os homens são, finalmente, obrigados a encarar com serenidade suas condições de existência e suas relações recíprocas (MARX; ENGELS, 1990, p. 79).

³União livre e estável de um homem e uma mulher que não são casados um com o outro.



Já Foucault (1988) quando passa a analisar a história da sexualidade, identifica duas rupturas. A primeira ocorreu no século XVIII, representada pelo nascimento das grandes proibições, quanto às obscenidades, às casas de prostituição, com valorização exclusiva da sexualidade adulta e matrimonial, os imperativos de decência, a esquiva obrigatória do corpo e a contenção e pudores imperativos da linguagem. A os que extrapolavam tais espaços era imposto um tríplice decreto de interdição, inexistência e mutismo e havia uma repressão ao discurso sobre a sexualidade. Já a segunda ruptura ocorreu no século XX, momento em que os mecanismos da repressão teriam começado a se afrouxar; passar-se-ia das interdições sexuais imperiosas a uma relativa tolerância a propósito das relações pré-nupciais ou extramatrimoniais:

[...] “a desqualificação dos perversos e sua condenação pela lei foram atenuadas e se eliminou, em grande parte, os tabus que pesavam sobre a sexualidade das crianças” como a masturbação e a sodomia (FOUCAULT, 1988, p. 109).

O que pode acontecer, todavia, é que, apesar das aparências, nunca tenha havido matrimônio. Isso porque faltou alguma condição essencial à validade do casamento; por haver falhas no consentimento dos nubentes; quando é contraído apesar de impedimentos dirimentes, anulantes ou mantidos ocultos; quando falta a forma canônica na celebração do sacramento. Atualmente isso se configura numa situação muito complexa, que afeta diretamente a vida dos cônjuges, em especial às mulheres, por causarem profundas e amargas tristezas nos relacionamentos.

Sendo assim esse trabalho buscar abordar questões que emanam das particularidades morais/comportamentais atribuídas pela sociedade às “mulheres de boa conduta” em casos de viuvez e ou fim do matrimônio. Assim como será analisado também o ambiente familiar e a imagem feminina na sociedade brasileira, que sofreu e ainda sofre constates mudanças, sendo valorizada em algumas instancias e repudiada em outras.

METODOLOGIA

Os conceitos do masculino e do feminino são construções históricas, fruto das relações sociais. A maioria das sociedades, apresenta a existência de papéis diferentes para homens e mulheres, onde cada um representa um papel social, desempenhado em iteração com o outro.



Por meio dessa construção histórica o presente trabalho busca o entendimento e a abordagem teórica baseado em obras historiográficas acerca do comportamento matrimonial e a influencia do catolicismo na construção da moral feminina ao longo do tempo, para que com isso possa justificar e reconhecer que houve uma mudança e como essa mudança influenciou no lado psicológico feminino, fazendo com que esta não se admitisse ser tratada como muitas outras já foram conquistando assim um lugar de respeito na sociedade atual.

Sendo assim a metodologia de estudo do presente trabalho contemplará procedimentos metodológicos qualitativos e a realização de objetivos explanatórios decorrentes de um estudo bibliográfico, enfatizando o papel da igreja católica no matrimônio e seu papel na construção de uma moral voltada a figura feminina. Tendo como fonte de estudo livros de diversos autores, como Georges Duby, Mary Del Priore, Pierre Bourdieu, Michel Foucault, Jaques Le Goff e Michelle Perrot, além de artigos científicos e monografias pesquisados na internet que proporcionaram uma melhor fundamentação sobre a temática abordada na construção do trabalho.

REFERENCIAL TEÓRICO

A Igreja Católica foi enfática ao definir o matrimônio como aliança, um contrato entre duas pessoas que se davam totalmente uma à outra, a fim de se ajudarem mutuamente a atingir as finalidades de unidade, indissolubilidade e fidelidade. Sendo assim segundo Almeida (2013) dessa mútua complementação, nasceria a prole, expressão do amor recíproco de esposo e esposa. Corroborando a lei natural, a doutrina da Igreja Católica ensina que o matrimônio sacramental validamente contraído e consumado, isto é, completado pela cópula sexual, só pode ser dissolvido pela morte; nunca é anulado.

Nas considerações de Bordieu (1998), caracterizaram-se dois mundos, um da dominação masculina, produtor, com função paternalista; e o outro de submissão, interno e reprodutor, que foi mantida pela Igreja Católica por longo tempo, reservando para o sexo feminino uma educação de controle, na qual se incluía a virgindade, a restrição ao exercício da sexualidade e a sacralização da maternidade. No entanto homens e mulheres (maridos e esposas) estavam sujeitos aos ditames religiosos quanto à esfera da sexualidade: o catolicismo condenava, em primeiro lugar, a sexualidade autônoma, rebelde, que se recusava a obedecer ao princípio da procriação: como o onanismo, a sodomia, etc. Em segundo lugar, a sexualidade



fora do casamento, com o intuito de gozar de liberdade sem responsabilidades, assim Como o adultério. Em terceiro lugar, a sexualidade que, embora legal, fosse excessiva. Que incorresse não só na infração do prazer gratuito, sem reprodução, mas também no excesso de devoção amorosa ao cônjuge. (COSTA, 1979, p. 227).

Ao longo da história a imagem feminina está atrelada a muitos estereótipos e tabus, e dentro do matrimônio isso não podia ser diferente uma vez que a mesma só tinha duas escolhas, ou casava a mando do pai, muitas vezes com quem ela nem conhecia e nem ao menos sentia algum tipo de afeição, ou seguia o celibato e a religião confinados em conventos. Sendo o casamento naquele tempo uma forma de contrato, com validade infinita, onde a mulher casava e não podia se separar, o casamento era para a vida inteira, “até que a morte nos separe”, no sentido literal da experiência vivida.

Sua educação restringia-se às prendas domésticas, à prática da virtude e da obediência ao futuro esposo. O namoro e noivado eram um ritual onde a jovem aprendia a ser submissa ao futuro marido, como fora ao pai. Sendo a maioria das meninas analfabeta, e as que estudavam não passavam das primeiras letras⁴, mesmo nas classes mais abastadas.

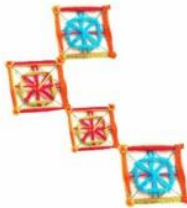
A mulher solteira, antes do casamento, auxiliava sua mãe nos afazeres domésticos diários, não podia estudar e ficava trancafiada no lar pela ordem do pai, que fazia com ela o que bem lhe conviesse, só se casando com o seu consentimento e autorização e com o homem ao qual ele escolhesse. Del Priore (2006) afirma que nesta época, em geral, não existiam laços de amor no casamento, somente de conveniência que eram tratados unicamente pelo pai visando o lucro e o acúmulo de bens materiais.

Sendo importante mencionar que em alguns casos o casamento também podia apresentar algumas barreiras e nem sempre alguns homens e mulheres conseguiam se casar, e com isso aqueles com mais de trinta anos que não são casados passavam a ser vistos com olhares de reprovação pela sociedade. A mulher é considerada malsucedida por não ter um marido, uma infeliz que não terá filhos. O homem está apenas “curtindo a vida”, se dedicando a profissão, e sendo um ganhão⁵ nas horas vagas. Existe uma pressão social ainda muito forte para que a mulher case e tenha uma família. Marina Massi afirma que até o século XX:

O dinheiro traz a independência na relação com o homem, mas não liberta do aprisionamento de suas interiorizações mais primitivas, que precisam ser encenadas

⁴Séries iniciais.

⁵Homens conquistadores, considerados sensuais e bastante disputados pelo sexo feminino.



na realidade para daí serem percebidas, entendidas e questionadas (MASSI,1992, p. 85).

Para a educação da moça, não era apresentada a mesma preocupação que tinham para a escolha do casamento. O processo de educação da menina que primava pela “obediência” aos mais velhos fazia parte das regras do grupo familiar, um sistema onde a menina/moça/mulher não teria oportunidade de transgredir e sentir o “gosto bom” da liberdade, restando-lhe o prazer de “agradar”, sendo, assim, elogiada. As diferenças na maneira de lidar com a educação do menino e da menina podem ser explicadas pelo fator socioeconômico, já que existia uma preocupação com o “futuro da moça”, que precisaria “arranjar” um marido (provedor) considerado “bom partido”. “Na visão da Igreja, não era por amor que os cônjuges deviam unir-se, mas sim por dever: para pagar o débito conjugal, procriar e finalmente lutar contra a tentação do adultério.” (DEL PRIORE, 2009, p. 113).

Segundo Guimarães (2004) no período entre 1924 e 1950, verifica-se que havia poucas faculdades no país. Existiam, no entanto, muitos colégios, a maioria confessionais, onde se procurava educar para Deus. Proliferaram, então, os colégios para meninos e meninas das classes abastadas e a “moça de família”, depois de aprender as “primeiras letras”, seria enviada a um colégio interno de freiras, onde aprendiam prendas domésticas, ficando assim, preparadas para o casamento. De todas as formas a mulher era preparada para que seu domínio fosse restrito ao lar.

Nesse contexto, a religião desempenha um papel importante, mantendo os valores vigentes, fortalecendo as restrições e temores ligados às consequências do “Pecado da Desobediência” levando ao “Castigo Divino” confirmando as imposições da família. Esses valores foram mantidos durante todo um período, duas a três décadas, que se poderia classificar como de transição, em que a mulher continua sendo avaliada, apresentando uma abertura maior para a sua escolarização. Mesmo assim, as expectativas da família em relação à vida escolar e profissional de seus filhos homens e a das mulheres apresentam grandes diferenças, onde muitas vezes a filha poderia ser retirada da escola e posta em casa “para ajudar” ou mesmo para que ela se preparasse para o casamento, o que poderia acontecer antes dos 18 anos.

Durante o período colonial as mulheres não podiam frequentar escolas, dessa forma se mantinham excluídas do âmbito da educação formal, destinada apenas para os homens. Sendo assim as únicas coisas as quais as mulheres deveriam se preocupar em aprender desde criança era costurar, bordar, cozinhar e, as mais abastadas, a pintar e tocar algum instrumento. A



leitura e a escrita deveriam ser mínimas possíveis, isso iria depender da rigorosidade do pai, que, em muitas vezes não permitia que suas filhas aprendessem a ler e escrever. Em contrapartida eram treinadas para uma vida reclusa, onde o casamento, a administração da casa, a criação dos filhos eram seus maiores deveres (Souza, 2011). Essa é a mulher “direita”, a rainha do lar, aquela mãe dos filhos de seus maridos.

A moça de família ou moça direita constituía um ideal de feminilidade para as mulheres jovens dos segmentos sociais mais abastados. Tratava-se de uma representação a partir da qual, os gestos, os jeitos, e o usufruto do corpo sexuado eram adestrados. Sua difusão ocorria através da educação familiar, da ação da Igreja Católica, das sociabilidades e do consumo de produtos culturais, como fica claro na citação de Cardoso:

Na produção da moça de família atuava a educação operada pela figura do pai e a promovida pelo irmão. Este podia julgar-se no direito de intervir nos comportamentos femininos, com o intuito de adestrar-lhe o corpo, pois o exercício do poder que detinha no âmbito familiar incidia sobre o corpo das mulheres (CARDOSO, 2016, p. 34).

As “moças de família” seriam, então, aquelas que desempenhariam bem os papéis e as regras socialmente impostas a uma moça. Aspectos dessas regras variaram durante as gerações, passando da proibição de qualquer toque entre um “rapaz” e uma “moça”, pela interdição da relação sexual antes do casamento, até hoje, uma espécie de limitação quantitativa de relações amorosas por qual uma moça pode passar antes de ficar “mal falada”, além daquelas orientações de etiqueta, volume e entonação da voz, postura corporal e censura a palavras consideradas obscenas, que perduraram. Em todo caso, cabe sempre à mulher seguir essas regras sociais, ou seja, é sempre a moça que deve “se dar o respeito”, uma vez que os rapazes – naturalmente –, sempre estarão querendo “avançar o sinal”.

Conseguir um “bom casamento” era responsabilidade da moça e, portanto, caso “saísse da linha”, ela seria penalizada: não casando com um “bom partido” ou, o que seria pior, não casando, e no caso de mães solteiras, as mesmas sofriam uma cobrança maior ainda em casar-se, pois o fato de ter um filho sujava o histórico de uma “moça de família”, que além de ter perdido a virgindade, havia engravidado, o que na maioria das vezes impedia a mulher de casa-se e a mesma era mal vista pela sociedade sendo imposta a “ficar para titia” e ou “encalhada”.



Segundo Escoura, (2008) desde criança, as meninas⁶deveriam ser educadas para ser boa mãe e uma dona de casa exemplar, e com isso a mulher que não seguisse seus caminhos, estaria indo contra a natureza, não poderia ser realmente feliz ou fazer com que as outras pessoas fossem felizes. E o casamento, porta de entrada para a realização feminina, era tido como o “objetivo” de vida de todas as jovens solteiras. Pois a esperança em realizar seus sonhos românticos era o que fazia com que essas mulheres seguissem rígidas normas de comportamento: pondo muitas vezes suas vontades e opiniões de lado para conservarem-se como “moças de família”.

Sendo importante mencionar que as relações sexuais, na visão dos teólogos, segundo Alves (1994) excluía o prazer por ter uma função escatológica⁷: isto é, serviam para a salvação da alma por trazer crianças ao mundo. Afirmavam que a única posição permitida no ato sexual era com o homem por cima e a mulher por baixo. Afinal, imaginavam que as mulheres “enlouqueciam” em cima dos homens. Alardeava-se também que a posição em que a mulher fica de quatro dava origem a crianças aleijadas.

Os próprios sentimentos como o amor e a paixão eram combatidos e repudiados, pois, supostamente, “colocava o casamento de ponta-cabeça”. Amor era um sentimento que se devotava exclusivamente a Deus; ao marido, a mulher devia apenas obediência, reverência e temor ao seu marido. O marido, por sua vez, deveria sentir apenas piedade de sua esposa. Um casamento nesses moldes, sem nenhum tipo de excitação sexual ou afeto, era considerado o modelo ideal e com isso indiretamente, então, reforçou-se o papel da prostituta na sociedade colonial.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A imagem feminina sempre foi material de discussão, desde a era medieval até a atualidade, a ideia de sua inferioridade em comparação ao sexo oposto, além de trazer tamanha indignação foi motivo de trágicos acontecimentos na história mundial, além disso essa inferioridade esteve presente no meio matrimonial ao longo dos séculos, causando infelicidade no íntimo feminino.

⁶Menina remete a criança e moça remete a fase que se inicia com a menarca até que ocorra a “perda” da virgindade.

⁷Escatologia é uma teoria relativa aos acontecimentos do fim do mundo e da humanidade, ou seja, as últimas coisas que devem acontecer antes e depois da extinção da vida na Terra.



A infelicidade matrimonial sempre esteve presente em ambos os sexos, é da natureza humana não se satisfazer com tudo, porém, os homens sempre tiveram a escolha do rumo de suas vidas e as mulheres nem tiveram o poder de objeção em relação ao seu futuro, sempre tinham que obedecer as ordens que lhe eram impostas sem hesitar, trazendo conseqüentemente o acúmulo de indignação que evoluiu com o passar de épocas, até que lutasse pela liberdade de seus direitos e igualdade de gênero.

O machismo na atualidade, assim como na idade média, se encontra ainda bastante presente, porém nada se compara a época em que mulheres eram tratadas como meras mercadorias que só tinham um único objetivo, a procriação, sendo o matrimônio o berço dessa injustiça, cujo qual nem sempre trouxe satisfação e felicidade para a esposa, até porque sentimentos na época não eram levados em consideração e algumas mulheres por estarem habituadas aquele cenário não se incomodavam, entretanto, as mulheres com desejo de liberdade eram as mais prejudicadas emocionalmente.

Sendo assim devido ao histórico de injustiças vivenciadas pelas mulheres tanto no passado quanto no dias atuais, as mesmas tornaram-se mais inteligentes e ousadas, criando movimentos sociais que as tornaram membros importantes na sociedade, na composição de leis, no meio operário e no meio intelectual, conquistando cada dia mais espaço, notoriedade e respeito o que outrora era completamente inusitado e fora de cogitação. Além de ficar bastante notável como o matrimônio refletiu na maneira de agir das mulheres, e como esse conceito de união sofreu mudanças e se assemelha ou não entre as mais diferentes épocas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante séculos a união matrimonial e a família fazem parte de uma realidade social, construída junto com a evolução da humanidade, onde as pessoas passavam por rituais de corte e então partiam para o matrimônio que deveriam ser por toda a vida, como é pregado pela igreja católica. Uma união que tinha como objetivo principal a procriação e que ao passar do tempo foi passando por questões relacionadas ao valor da propriedade, e a conquista de bens, afinal de contas por um longo período o casamento era essencialmente um ato de aquisição, onde o noivo "adquiria" a noiva e a transação a ela selada por meio do pagamento de um dote.

Sendo assim através desse trabalho pode-se perceber que o amor, inicialmente, não tinha praticamente nenhuma importância para a realização de um casamento, e a mulher não



tinha direito algum na escolha do seu esposo, sendo submissa ao mesmo e tendo seus interesses e desejos colocados sempre em segundo plano. Foi com a participação da Igreja que o amor teve a chance de manifestar-se através do consentimento, apesar deste não ser fator determinante para a realização ou não do casamento. Um tanto paradoxal esta proposição, pois a Igreja, ao mesmo tempo que começou com a idéia de consentimento, também proibiu o amor carnal no casamento. E, mesmo a Igreja sendo talvez a maior influência do mundo medieval, nem todos seguiam seus dogmas e foi, graças a isso, que o amor pôde aparecer mais e mais no decorrer do tempo. Mas com o atual processo de mudança pelo qual a sociedade vem passando nas últimas décadas, seja em relação ao que se entende por família e por maternidade/paternidade, ou seja no que diz respeito ao que é ser mulher e ser homem, as mulheres ainda sofrerem pressão para se casar e se tornar mães

Dessa forma esse trabalho busca proporcionar um leque de informações para futuras pesquisas e estudos no ramo da história e gênero, contribuindo para uma análise a cerca da imagem feminina ao longo dos séculos, principalmente no que diz respeito a história do casamento, além de abordar as mudanças vivenciadas pelas mulheres que cada vez mais vem ganhando visibilidade e força.

REFERÊNCIAS

ALLEGRETTI, Fernanda Espindola ; RODRIGUES, A. P. K. ; GROSS, Carolina Baldissera . **O papel feminino através dos tempos a partir do estereótipo de gênero:** uma pesquisa bibliográfica. In: Salão do Conhecimento - XXVI Seminário de Iniciação Científica, 2018, Ijuí. Salão do Conhecimento 2018 - XXVI Seminário de Iniciação Científica, 2018.

ALMEIDA, Jane Soares de ; NICOLETTE, J. N. **Gênero, Educação e Religião:** o poder simbólico na cultura e o discurso da desigualdade. *Religare (UFPB)* , v. 13, p. 64-84, 2016.

ALMEIDA, Jane Soares de ; GOMES, C. S. . **De Eva a Maria:** a educação feminina e o matrimônio católico. *Série-Estudos (UCDB)* , v. 36, p. 253-264, 2013.

ALVES, Branca Moreira & PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

ANDRADE, M. C. M. . **O Século XIX: O Mundo burguês/ O casamento/ A nova mulher:** O contexto histórico dos romances *Madame Bovary*, *Ana Karenina*, *O Primo Basílio* e *Dom Casmurro*. *Evidência (Araxá)* , v. 9, p. 63-80, 2013.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina.** 11. ed. Tradução Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.



CARDOSO, Elizangela Barbosa . **Moças de família e códigos de sexualidade na primeira metade do século XX em Teresina/PI (ISSN 2179-8869)**. Dimensões: Revista de História da UFES , v. 36, p. 31-54, 2016.

CASEY, James. **A história da família**. São Paulo : Ática, 1992

DAMATTA, Roberto. **A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DEL PRIORE, Mary. (org.) **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006.

DUBY, Georges. **Idade Média, idade dos homens: do amor e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DUBY, Georges; ARIÈS, Philippe. **História da vida privada, 2: da Europa feudal à Renascença**. São Paulo : Companhia das Letras, 1990.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**. A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988. Volume I.

GUIMARÃES, Solange Alves, : **A mulher e o fim do casamento entre 1924 e 1950 no município de Poções - Ba; 2004**; Monografia.

LE GOFF, Jaques. **A civilização do Ocidente medieval** vol. 2.

MENDONÇA, J. G. R. ; RIBEIRO, P. R. M. . **Algumas reflexões sobre a condição da mulher brasileira da colônia às primeiras décadas do século XX..** Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação , v. 5, p. 01-12, 2010.

PERROT, MICHELE. **As mulheres ou os silêncios da história**. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 2005. (Coleção História).